

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

MATEUS DA SILVA FRAGA

**Arquitetura dos Povos Bantos no Quilombo dos Palmares**

**São Paulo**

**2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

## **Arquitetura dos Povos Bantos no Quilombo dos Palmares**

Mateus da Silva Fraga

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Especialista em Cultura, Educação e  
Relações Étnico-Raciais.

**Orientadora: Profa. Dra. Aleksandra Matias de Oliveira**

São Paulo  
2022

# ARQUITETURA DOS POVOS BANTOS NO QUILOMBO DOS PALMARES<sup>1</sup>

Mateus da Silva Fraga<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo, através de investigação histórica, tem como objetivo pontuar as especificidades dos espaços construídos pelo corpo negro, observando seus signos e suas estéticas. Sob essa perspectiva, busca-se as relações existentes entre a arquitetura dos povos bantos, a natureza, as temporalidades, as ancestralidades e a percepção coletiva. Esses são alguns aspectos encontrados na construção dos quilombos brasileiros, entre eles, o Quilombo dos Palmares. Autores, tais como, Nei Lopes e Günter Weimer abrem o caminho para o estudo que se dedica sobre quais seriam as influências arquitetônicas das moradias dos povos bantos nesse quilombo, localizado na Serra da Barriga, na então, Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Povos Bantos. Quilombo dos Palmares.

**Abstract:** This article, through historical investigation, aims to point out the specificities of the spaces built by the black body, observing its signs and its aesthetics. From this perspective, the relationship between the architecture of the Bantu peoples, nature, temporalities, ancestries, and collective perception is sought. These are some aspects found in the construction of Brazilian quilombos, among them, Quilombo dos Palmares. Authors such as Nei Lopes and Günter Weiner open the way for the study that is dedicated to what would be the architectural influences of the houses of the Bantu peoples in this quilombo, located in Serra da Barriga, at the time, Captaincy of Pernambuco, a region today belonging to the municipality of União dos Palmares, in the state of Alagoas.

**Key words:** Architecture. Bantu peoples. Palmares Quilombo.

**Resumen:** El presente artículo, a través de una investigación histórica, pretende señalar las especificidades de los espacios construidos por el cuerpo negro, observando sus signos y su estética. Desde esta perspectiva, buscamos las relaciones existentes entre la arquitectura de los pueblos bantúes, la naturaleza, las temporalidades, la ancestralidad y la percepción colectiva. Estos son algunos de los aspectos que se encuentran en la construcción de los quilombos brasileños, incluido el Quilombo dos Palmares. Autores como Nei Lopes y Günter Weimer abren el camino a este estudio, dedicado a las influencias arquitectónicas de las viviendas de los pueblos bantúes en este quilombo, situado en la Serra da Barriga, en la entonces Capitanía de Pernambuco, región que hoy pertenece al municipio de União dos Palmares, en el estado de Alagoas.

**Palabras clave:** Arquitectura. Pueblos bantúes. Palmares Quilombo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

<sup>2</sup> Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Técnico em Administração pelo Centro Paula Souza na ETEC. Deputado Francisco Franco (Rancharia-SP). Pós-graduando em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo (USP).

## 1. INTRODUÇÃO

No campo da arquitetura e urbanismo, a influência dos saberes dos povos africanos sobre as moradias quilombolas no Brasil coloca-se como tema relevante e atual. Isto porque vista sob a perspectiva decolonial, essa proposição fornece subsídios para a derrubada de aspectos fundantes do conhecimento eurocêntrico reproduzido, primeiro na academia e, depois, na sociedade. Por muito tempo, a reflexão eurocentrada perpetrou um padrão único que menosprezava os saberes das culturas fora do eixo branco-ocidental.

Porém, nos últimos anos, observamos o debate colonial *versus* decolonial. E, nessa discussão, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000) nos ensina que o conceito de colonialidade sustentou-se a partir do processo de modernidade que, por sua vez, gerou dominação no modo de produção do conhecimento, resultando num caráter de poder colonial, moderno, capitalista e eurocêntrico. O eurocentrismo se colocou como hegemonia do pensamento. Nele, somente a história, a cultura e a reflexão da Europa Ocidental burguesa prevalecem e nessa dinâmica o pensamento eurocêntrico produz hierarquias entre povos – o que mantém a América Latina, a África, as Ilhas do Pacífico Sul, entre outras localidades, como povos subalternos.

Assim, diante desse conhecimento que coloca a Europa como centro de todos os saberes, não faria sentido que a arquitetura africana pudesse servir como modelo para outras formas de organização da vida social. Nesse ponto, destaca-se que a investigação de origem deste artigo surge após inquietação referente aos modelos formais e conceituais de arquitetura e urbanismo apresentados durante a formação no curso de Arquitetura e Urbanismo – todos eles centrados na tradição europeia. Contudo, segundo o IBGE, no ano de 2016, os pretos e pardos autodeclarados somavam 54,9% na população brasileira (8,2% de pretos e 46,7% de pardos), mais do que a metade da população nacional. Então, por que todo o conhecimento proveniente do corpo negro não é estudado na academia?

Sabe-se que a resposta está em múltiplas frentes e envolve diversos fatores, entre eles, o apagamento e silenciamento de intelectuais negros, estudando temas e questões pertinentes aos problemas enfrentados por essa parcela da população brasileira. Sendo assim, a escolha do tema e o desenvolvimento desta pesquisa pretende contribuir para o aumento desse conhecimento, possibilitando a criação de estratégias para o combate ao racismo dentro do pensar de um arquiteto e urbanista antirracista.

Nesse sentido, o presente artigo, através de documentação histórica, tem como

objetivo pontuar as especificidades dos espaços construídos pelo corpo negro, observando seus signos e suas estéticas. Sob essa perspectiva, busca-se as relações existentes entre a arquitetura dos povos bantos<sup>3</sup>, a natureza, as temporalidades, as ancestralidades e a percepção coletiva. Esses são alguns aspectos encontrados na construção dos quilombos brasileiros<sup>4</sup>, entre eles, o Quilombo dos Palmares. Desse modo, tem-se como pergunta disparadora a seguinte questão: quais são influências arquitetônicas das moradias dos povos bantos no Quilombo dos Palmares?

Para dar conta dessa indagação, optou-se por dividir o artigo em três partes nas quais cerca-se a problemática. São elas: *os bantos e a arquitetura banta*; *o processo de diáspora e a criação dos quilombos - resistência* e, por último, *as influências da arquitetura banta no Quilombo dos Palmares*. Destaca-se aqui a escolha que dirige a análise para um dos quilombos mais conhecidos na história nacional e que, ao longo do século XVII, reuniu cerca de 20 mil habitantes na Serra da Barriga, na região entre Pernambuco e Alagoas. Tido originalmente, como refúgio de negros escravizados, teve entre sua população brancos pobres e indígenas – mas, leve-se em conta que, nesse período, a maioria dos escravizados vinha de Angola e tinham raízes bantas. O próprio termo quilombo, na concepção dos povos bantos, era uma palavra usada para designar acampamento militar, visto que a questão da segurança era essencial na vida dos palmarinos.

Retornando à estrutura do artigo, a primeira parte trata sobre os povos bantos, explicando em aspectos gerais costumes, organização e legado para a cultura brasileira. Para isso, tem-se como referencial teórico a obra de *Nei Lopes* (poeta, músico e pesquisador de matrizes africanas), *Bantos, malês e identidade negra* (2021). Nessa parte, aborda-se também a identificação das tipologias africanas construtivas da arquitetura das comunidades bantas, por meio das obras do arquiteto e historiador Günter Weimer, *Arquitetura popular brasileira* (2005) e *Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura* (2014). A ideia aqui é esmiuçar todas as características da arquitetura banta, trazendo sua percepção para a configuração espacial arquitetônica individual e coletiva e, na sequência, relacioná-la à natureza.

Na segunda parte do estudo, evoca-se os percursos que levaram à diáspora e à criação

---

<sup>3</sup> Os bantos compõem um grupo étnico que habita a região da África Central, Centro Ocidental, Austral e parte da África Oriental. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos é integrada por agricultores. Vivem também da pesca e da caça. Na realidade, a designação “banto” refere-se à unidade linguístico-cultural e no contexto da diáspora para o Brasil (e para as Américas), representam um dos grandes grupos de onde vieram africanos escravizados. (CATANI, 2020).

<sup>4</sup> Quilombo é a denominação para comunidades constituídas por escravos negros que resistiram ao regime escravocrata que vigorou no Brasil por mais de 300 anos e só foi abolido em 1888. (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO EM SÃO PAULO, sd.)

de quilombos no processo de escravidão. O conceito de quilombo torna-se importante para adentrar especificamente a questão discutida. Voltando-se ao termo com profundidade, o étimo “quilombo” é originário do quimbundo “kilombo”, significando “união”, ou “reunião de acampamentos” (LOPES, 2021, p.164). Somando esse conceito inclui à obra de Clóvis Moura, *Sociologia do Negro Brasileiro* (2019), em especial, o capítulo Sociologia da República de Palmares dá subsídios para o aprofundamento do estudo.

Na terceira parte, tem-se como exercício a comparação por meio da identificação de signos da arquitetura banta em um quilombo brasileiro. Adota-se como estudo de caso o Quilombo de Palmares. Nei Lopes (2021, p. 164) afirma que: “o mais importante, porém, a registrar na história de Palmares é que foi, sem dúvida, uma confederação constituída em moldes organizacionais bantos e certamente liderada por negros bantos e descendentes”. Desse modo, esse autor confirma a influência banta em Palmares.

Acrescente-se aos recursos teóricos a pesquisa iconográfica e fotográfica que permite o mapeamento da produção arquitetônica africana *banta* e suas influências na arquitetura afro-diaspórica brasileira, recortando com o Quilombo de Palmares. Por meio de livros com croquis, diagramas, desenhos e fotos que permitem entender a espacialidade das construções vernaculares africanas e morfologias urbanas no período colonial, tem-se material para a compreensão de que os saberes africanos contribuíram, de fato, para a construção de modelos formais e conceituais da arquitetura e urbanismo no Brasil.

## 2. OS BANTOS E ARQUITETURA BANTA

Como ponto de partida, torna-se relevante entender quem são os povos bantos e como eles se deslocaram até o Brasil. Segundo Nei Lopes (2021, p. 97), a denominação “banto” é designada para um conjunto de povos agrupados por afinidades linguísticas e culturais, localizados nos atuais territórios da África Central, Centro Ocidental, Austral e parte da África Oriental” (Fig. 01). Porém, na África do Sul, o termo “bantu” abrange todos os negros, sem diferença entre etnias.

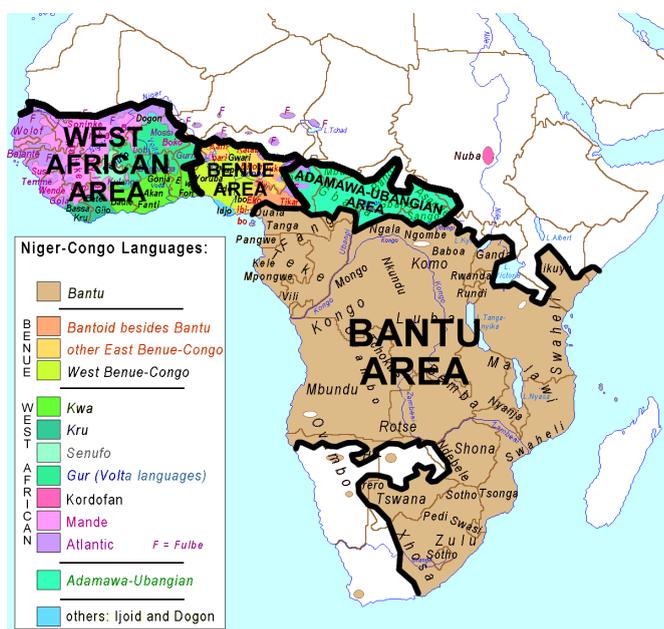


Figura 01 - Mapa Área de abrangência dos povos bantos

Fonte:

<https://ivairs.wordpress.com/2018/03/08/tradicao-bantu-no-brasil-e-africa-cultura-costumes-e-habitos-de-um-vo-transatlantico/>. Acesso em 18 jun. 2022.

Nos livros de história oficial do Brasil, costumava-se dividir os negros africanos entre “bantos e sudaneses”, sendo que os bantos teoricamente designavam uma “raça” da África Austral, estigmatizada como um seguimento “inferior”. Na atualidade, o termo “raça” tornou-se impróprio e deu lugar ao conceito de “etnia” (ou à expressão “grupo étnico”). A etnia, então, trata da coletividade de indivíduos humanos com características biológicas semelhantes e que compartilham a mesma cultura e a mesma língua”. (LOPES, 2021, p. 99). Então, os povos bantos devem ser vistos como um conjunto de povos que têm origem comum, como os povos latinos, anglo-saxões, célticos etc. (LOPES, 2021, p. 100).

Nei Lopes (2021) explica ainda que o termo genérico banto foi atribuído pelo linguista alemão Wilhelm H. Bleek, em 1862. Para esse estudioso, “muNTU” designava “gente,

indivíduo, pessoa” para mais de 2 mil línguas. E mais tarde, identificou-se que, nessas línguas, diversas palavras traziam os mesmos prefixos. Sendo assim, Lopes (2021, p. 101) conclui que:

De posse, então, dessas informações, vemos que banto é uma designação apenas linguística. Entretanto, a denominação se estendeu, e hoje, sob a designação “bantos”, abrange quase todos os povos ou grupos étnicos negro-africanos do centro, do Sul e do Leste do continente identificados por uso de línguas aparentas e modos de vida determinados por atividades afins.

Em **Dicionário banto do Brasil** (1995), Lopes indica a influência decisiva dos idiomas bantos, em especial o quimbundo, o umbundo e o quicongo, na constituição da língua portuguesa no Brasil, destacando que além desses, os principais idiomas são: ganguela, cuanhama, iaca, macua, nhaneca, nhungue, nianja, quingana, quioco (*chokwe*), ronga, suaile (língua com preponderância árabe, falada de modo particular na costa ocidental africana, região de intenso comércio), tonga e xona (shona). Assim, tem-se o registro dos povos bantos na língua portuguesa falada no país, contudo, resta-nos refletir sobre esse legado na arquitetura brasileira.

Como primeiro passo, deve-se entender como se compõe a arquitetura vernacular (ou seja, as edificações construídas a partir dos materiais e recursos encontrados no entorno). Torna-se igualmente necessário compreender o clima e os territórios bantos. Günter Weimer (2014, p. 109) explica que:

No território dos bantos, encontram-se os mais diversos meios ambientes, que variam desde a floresta tropical super úmida até extensos desertos onde somente alguns seres muito bem adaptados conseguem sobreviver. De forma geral, trata-se de um território abundante em riquezas minerais, mas a maior parte da população vive da agricultura e do pastoreio. Como a fauna é muito rica, muitas tribos vivem da caça e da recoleta. De modo geral, a flora africana é relativamente pobre, e muitos produtos agrícolas que sustentam sua economia são exóticos.

Esse território marcado pela natureza é a base para a arquitetura vernacular que resulta nas cubatas e nos *kraals*. As *cubatas* (casas) são edificações de usos diversos e individuais. No caso dos bantos, em sua maioria, têm configuração formal seguida por planta circular e cobertura vegetal cônica (**Fig. 02**). Já o *kraal* é um conjunto de edificações delimitado por um terreno cercado ora com cerca viva de *munguengue-mulemba*<sup>5</sup>, ora cerca paliçada estruturada por meio de estacas e caibros nas verticais, horizontais e transversais.

---

<sup>5</sup> Árvores tradicionais africanas.



**Figura 02 - Diversas tipologias das cubatas**

Fonte: <http://historiadaartedaarquitecturaedacidade1.blogspot.com/2011/09/>. Acesso em 18 jun. 2022

De modo geral, o assentamento familiar e a arquitetura dos povos bantos possuem os signos listados a seguir, conforme estudado pelo Günter Weimer (2008), são elas:

- a) existência de uma única porta protegida por fogo;
- b) ausência de janelas nas moradias;
- c) cobertura vegetal;
- d) altura baixa da edificação, mas variável de acordo com cada subgrupo;
- e) edificações monofuncionais;
- f) paredes estruturais erguidas por meio da técnica construtiva de taipa e,
- g) *kraal* com moradias com diversas composições independentes.

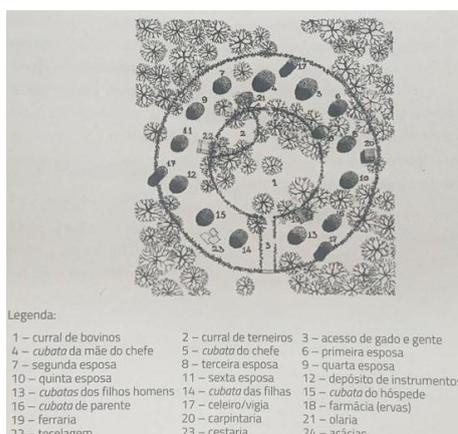
A única abertura nas casas são as portas, elas possuem uma altura relativamente baixa, fazendo com que o morador precise baixar e entrar em posição de cócoras. A maioria não fecha com nenhuma vedação, poucas etnias utilizam um fechamento, com caniços trançados, esteira, tábuas em carpintaria com gonzos<sup>6</sup> e fechaduras, ou até portas mais artísticas com técnicas de talhamento escultóricos, como é o caso dos quiocos, bienas, iacas, dembos e mussucos. As entradas sem fechamento físico são protegidas por fogo e garante a preservação da casa, sendo apelidado como *boca de forno*.

<sup>6</sup> Peça, geralmente, metálica, composta por duas partes que ligam ao mesmo eixo, permitindo movimento em portas, janelas, tampas etc.

A não existência das janelas nas casas é justificada porque essas são consideradas um item arquitetônico proveniente do colonizador europeu. Porém, algumas *cubatas* trazem a simbologia da janela por meio de pinturas realizadas nas paredes externas como se fosse um pequeno postigo<sup>7</sup>.

Para a confecção do telhado, a estrutura é montada sobre o solo e depois elevada e apoiada acima das paredes construídas. As gramíneas são o tipo de vegetação mais utilizada para a cobertura. A espessura varia de acordo com o clima e qualidade da palha. Quando o entorno apresenta maior densidade de chuva, a palha é inadequada e aumenta-se a espessura da cobertura. No telhado, podem ser aplicadas também varas revestidas de argila para evitar incêndios. Já nas regiões, que possuem palmeiras, essas são empregadas para revestir a estrutura do telhado e emprega-se a nervura das folhas como ripa.

A estrutura da parede das *cubatas* é resistente por conta da amarração de troncos e galhos de árvores recolhidas no local. O pau-a-pique é a técnica construtiva mais recorrente. Os vãos das paredes – resultado da aplicação da técnica – podem ser vedados de várias maneiras. Em lugares mais secos, as frestas não recebem nenhuma vedação para permitir a ventilação cruzada. Já a maioria das moradias emprega folhas de bananeiras/palmeiras, palha e folhas de árvores para vedação das frestas ou, ainda, a taipa aplicada no lado interno e externo com acabamento rugoso ou liso. As texturas criadas através da taipa são resultantes das ferramentas, às vezes alisado a mão ou por alisador de madeira. Mais uma constatação: essas paredes são muito baixas, obrigando o morador a se abaixar para acessar a casa. Algumas não eram mais altas que 1,5 metros.



**Figura 03** - Planta de implantação Kraal Zulu de Hluhluwe-Kwazulu, na África do Sul.  
**Fonte:** WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, pág. 144

<sup>7</sup> Janelinha em portas ou janelas, para se olhar quem bate, sem abri-las; espreitadeira.

As edificações são monofuncionais, ou seja, possuem espaço interno sem divisões de paredes, permitindo que se crie uma única *sala*. Cada *cubata* possui sua função no *kraal*, ainda mais por se tratar de uma família poligâmica (**Fig. 03**). Segundo Weimer (2014, p. 109), a organização padrão de um *kraal*, descreve-se abaixo:

(..) entre as quais se contavam uma para cada esposa, uma para o marido, outra para a mãe do marido, por vezes para filhos e/ou filhas adultas, algumas para eventuais parentes agregados da unidade familiar, o silo de cereais, a latrina com o banheiro conex e, naturalmente, a cobertura da cozinha, quando não se cozinhava a céu aberto, e ainda, a cubata de sombra, tradicional cobertura sob a qual se reuniam os homens para conversar.

De modo estrutural, levantamos num assentamento familiar os principais signos envolvidos na arquitetura banta. Na sequência, discute-se como se deu o processo de diáspora até o Brasil e a formação dos quilombos no período escravagista, lembrando que esses se constituíram a partir de processos diversos que incluíram a fuga de escravos, a liberdade conquistada por herança, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado e pela permanência nas terras que cultivavam nas grandes propriedades. Porém, coloca-se em evidência o papel de resistência dos quilombos frente ao sistema colonial.

### **3. O PROCESSO DE DIÁSPORA E A CRIAÇÃO DOS QUILOMBOS - RESISTÊNCIA**

De certo modo, o fator estimulante para o transporte massivo de escravos provenientes da África ocorreu pelo estímulo do primeiro engenho produtor de açúcar estabelecido por Martim Afonso de Souza, em 1532, na atual Baixada Santista. Já em 1538, chegaram os primeiros cativos integrados, em sua maioria, por povos bantos. Lá na África ocorria o incentivo de guerrilhas para o enfraquecimento, como diz Kazadi, *apud* Nei Lopes (2021, p.158):

A técnica mais comumente utilizada pelos mercadores para se abastecerem de escravos era fomentar a guerra entre povos ou grupos tribais vizinhos. Foi assim que bacongos venderam prisioneiros de guerra abundos como escravos e vice-versa, beneficiando nessas transações os portugueses de todos os extratos sociais de todas as profissões “alfaiates, sapateiros, pedreiros, oleiros, padres e professores”.

Por volta de 1550, chegam em Salvador os primeiros escravos para trabalhar os engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste. Logo mais, em 1570, com o aumento da produção, foi significativo para a massificação de tráfico constante de escravos, oriundos do Reino do Congo, do Dongo e Benguela (LOPES, 2021). Porém, diversos escravos no processo de exploração dos engenhos resistem de diversas formas. São muitas revoltas, entre elas, a de escravos de um engenho pernambucano que ocupam a sede da fazenda e dominam seus patrões e feitores. Como entenderam que não conseguiriam por muito tempo ficar com esse poder, decidem fugir e se deslocar para a Serra da Barriga, na floresta nativa, hoje conhecida como Palmares, e lá criam as primeiras bases do primeiro Estado livre da história do Brasil.

O número de escravos e libertos aumenta mais e mais e, no fim do século XVI, atingem os engenhos vizinhos e saqueiam constantemente as produções agrícolas por motivos de sobrevivência, causando preocupação para a sociedade escravocrata. Todos esses movimentos, se distribuem pelo país colonial, criando diversos quilombos em Sergipe, Bahia, São Paulo, Maranhão, Minas Gerais, Amapá e Pará. Os governadores das capitanias criam métodos de combate e retaliação dos quilombos. Em 1630, expedições frustradas tentam aniquilar o Quilombo dos Palmares que já teria nesse ano cerca de 3.000 pessoas. A população cresceu ainda mais frente à guerra dos luso-brasileiros contra os holandeses – episódio decorrente após a chegada dos holandeses em Pernambuco e depois em Angola. Nesse contexto, os negros dos engenhos aproveitam a ocasião de conflito para fugir em direção a liberdade. Foram numerosas tentativas de expedições frustradas, cerca de 35 durante

o século XVII. Os quilombolas palmarinos seguiam em guerra permanente com os colonizadores, atacando propriedades vizinhas e rechaçando as forças de opressão.

Nesse sentido, destacamos os líderes do Quilombo dos Palmares: o primeiro chefe foi Ganga Zumba, nascido na comunidade palmarina. Em 1678, entrou em acordo de paz no qual se mudava com várias pessoas para terras das autoridades coloniais na localidade de Cucaú. Em paralelo, inicia-se a liderança de Zumbi, o maior chefe da nação palmarina na Serra da Barriga. Muitos partidários em Cucaú incomodaram-se com Ganga Zumba e sua aliança com autoridades coloniais, integrando a comunidade liderada por Zumbi. Isto resultou na morte de Ganga e enfraquecimento e fim do aldeamento. Já o fim de Palmares ocorreu através de uma expedição liderada por Domingos Jorge Velho que se comunicava na "língua geral" dos indígenas, com 2 mil pessoas e mais 7 mil soldados enviados pelo Governo. "Depois de dois anos de luta, de janeiro de 1694 a novembro de 1695, Zumbi, segundo a versão mais divulgada, teria sido traído e morto por um de seus chefes". (LOPES, 2021, p. 164). O Quilombo dos Palmares tornou-se relevante a partir de sua organização social. Clóvis Moura (2019, p. 219) levanta a hipótese que Palmares foi uma federação:

Há mesmo sociólogos e historiadores que consideram, até hoje, o Brasil uma nação inconclusa. O que levou a República de Palmares a ser condenada e extinta foi, como já dissemos, a sua estrutura social e econômica comunitária que se chocava com o sistema baseado nas relações escravistas. Aqui, parece-nos, é que está a chave do problema: Palmares era uma negação pelo seu exemplo econômico, político e social da estrutura escravista-colonialista. O seu exemplo era um desafio permanente e um incentivo às lutas contra o sistema colonial no seu conjunto. Daí Palmares ter sido considerada, sempre, pela crônica histórica tradicional, um valhacouto de bandidos e não uma nação em formação, que estava desenvolvendo uma trajetória altamente dinâmica e desafiadora a todas as técnicas produtivas e estruturas de relacionamento social do escravismo. A sua destruição, por isso mesmo, foi festejada com as pompas e homenagens de uma guerra vitoriosa. (...)

Sendo assim, podemos trazer para finalizar esta parte, uma analogia de Beatriz Nascimento falando sobre o quilombo como um lugar de memória e resistência. Em seu filme *Ôri*, um documentário que foi elaborado acompanhando os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, e a conexão entre África e Brasil, ela discorre sobre o *Ôri* (oriundo da língua *Yorubá* significa "cabeça" ou "centro") que como transições do tempo (passado, presente, futuro) de um modo dinâmico e não linear, que resultando numa memória ritualizada. "Existe uma linguagem do transe e a linguagem da memória, é neste momento que a matéria se distende e traz com muito mais intensidade a história, a memória, o desejo de não ter vivido em cativeiro[...]" (NASCIMENTO, 1989).

Desse modo, o corpo negro seria o seu guardião de memória, apresentando além de uma construção identitária em diáspora, mas também um quilombo como construção territorial, um quilombo como “lugar de memória” (DOS REIS, 2020). Então, podemos fazer um paralelo com as comunidades bantas, como um “lugar de memória” onde cada corpo negro atua com o seu “ôrí” de modo coletivo. Para Beatriz, os quilombos atuam como uma nação, assim como a constatação de Clóvis Moura sobre Palmares, um lugar potente e de resistência. Com sua individualidade e pluralidade ao mesmo tempo, por meio da oralidade, arquitetura, formas, natureza e cores criam a ideia de nação e união.

#### 4. INFLUÊNCIAS DA ARQUITETURA BANTA NO QUILOMBO DOS PALMARES

Ressaltamos que existem poucos dados e ilustrações provenientes da primeira formação do Quilombo dos Palmares, optou-se, assim, por analisar o atual Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Esse localiza-se no norte-nordeste do estado de Alagoas, na Serra da Barriga, fica a cerca de 9 quilômetros da cidade União dos Palmares e a 80 quilômetros da capital do estado Maceió. Na cidade, ainda resiste a comunidade quilombola Muquém que ocupa uma área estimada de 20 hectares, formada por aproximadamente 500 pessoas que vivem da lavoura e artefatos tradicionais de barro. Já a Serra, onde se localiza o Quilombo possui mais de 100 metros de altitude e a sua situação topográfica tinha como potencialidade a enorme vista para o entorno da região. No espaço, atualmente possui vários mirantes, dentre eles, o Mirante de Tocolo - Filho de Ganga-Zumba (Atalaia de Tocolo), no qual avista-se o Rio Mundaú e era possível que os quilombolas nativos controlassem e visualizassem uma suspeita movimentação dos colonizadores. Em termos urbanísticos, esse segue tendência de isolamento, permitindo a ruralização da população, seguindo a tendência dos *kraals* bantos africanos.



**Figura 04** - Quilombo dos Palmares - Serra da Barriga, AL.

Fonte:

<https://projetoalagoas.com/wp-content/uploads/2020/05/Serra-da-Barriga-Trend-Criativa-12-1024x575.jpg>.

Acesso em 15 ago. 2022.

A tipologia de implantação do Quilombo dos Palmares é delimitada por cercas com trançados de bambu fincados no chão, conhecidos como *queretim*. Estas delimitam a espacialidade do *kraal* e também garante a preservação da intimidade da população, além de servir como barreira visual. A delimitação é realizada também pelo espaço atual chamado de

Gameleira Sagrada - Irôco (Lagoa Encantada dos Negros), nela se encontra a árvore que foi trazida pelos bantos e representa o orixá do tempo, Irôco. A água representa a purificação da vida e era onde os quilombolas bebiam água e renovavam as energias, além de afiar suas armas nas pedras na presença da natureza. Pode-se fazer uma analogia com a presença da água em quilombos antigos brasileiros, estes tinham uma escolha cuidadosa dependendo do sítio em implantar o conjunto dentro de um mangue/brejo como diz WEIMER (2014), pág. 168:

Essa localização é muito conveniente por dificultar a aproximação de pessoas que não conhecem o terreno, só pode ser acessado por barcos de pequeno porte - o que vale dizer de poucas pessoas por embarcação - e favorece a fuga daqueles que conhecem o território. Se for acertada a nossa interpretação de que esse “brejo”, na realidade, se constituía de um mangue, ele ainda tinha a vantagem suplementar de fornecer alimentação de crustáceos e similares.

A configuração espacial do Quilombo dos Palmares segue o conceito analisado por Günter Weimer sobre o *kraal*. Os edifícios ficam ao redor de um pátio central virtual onde estão presentes eixos demarcados com as circulações e entre eles árvores, arbustos e palmeiras que ligam os edifícios no perímetro. Por ser um Parque que recria a situação ancestral da Federação dos Palmares nota-se que todas as edificações possuem características monofuncionais, cada edifício têm seu uso, abaixo segue a lista:

- a) Onjó Cruzambê (Casa do Campo Santo) - espaço destinado para práticas das religiões de matriz-africana;
- b) Atalaia de Acaiene - mirante;
- c) Espaço Caa Puera;
- d) Muxima de Palmares - Coração de Palmares;
- e) Batucajé;
- f) Atalaia do Acajuba - mirante;
- g) Onjó de Farinha - edificação destinada para a confecção de farinhada proveniente da mandioca que servia como matéria-prima para preparação de vários pratos;
- h) Restaurante Rúuru-Wáana;
- i) Atalaia de Tocolo - mirante;

O conjunto também reproduz as Ocas Indígenas por meio de sua estética e sistema construtivo para simbolizar a contribuição dos povos para a população brasileira e regional, pois através de pesquisas arqueológicas, encontrou vestígios da comunidade indígena na Serra da Barriga.

A implantação incorpora elementos naturais para o parque: a) Oxile das Ervas - espaço destinado para simbolizar a cultura de cultivo de plantas para cura, banhos e oferendas; e b) Lagoa Encantada dos Negros como foi citado acima. Além disso, o parque homenageia importantes da comunidade quilombola palmarina:

- a) Espaço Acotirene - mocambo participante da República dos Palmares;
- b) Espaço Quilombo;
- c) Espaço Ganga-Zumba;
- d) Espaço Zumbi;
- e) Espaço Aqualtune;



**Figura 05** - Implantação - Quilombo dos Palmares, AL.

Fonte: [https://serradabarriga.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/mapa\\_serra31.jpg](https://serradabarriga.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/mapa_serra31.jpg). Acesso em 15 ago. 2022.

**Figura 06** - Vista Aérea - Quilombo dos Palmares, AL.

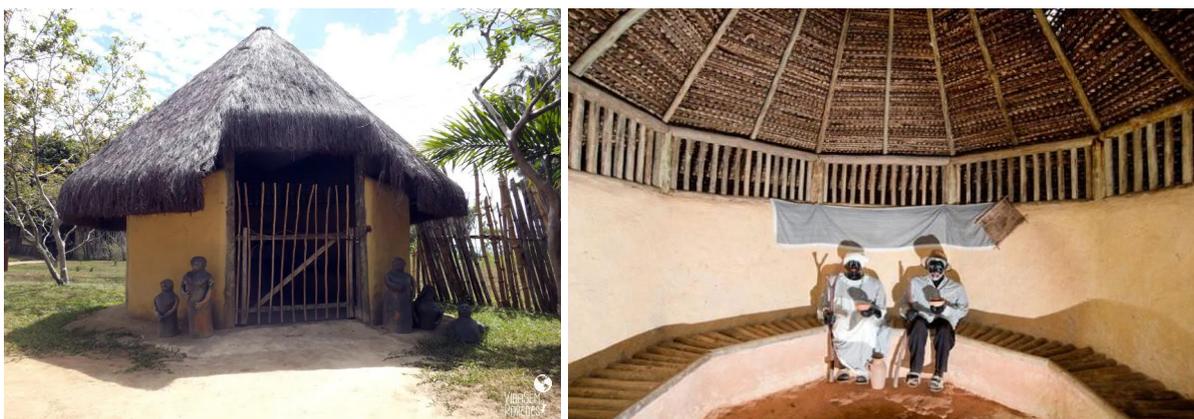
Fonte:  
[https://s2.glbimg.com/z8TEuSk06\\_udACg\\_skJpoL8tmsM=/0x0:1085x705/984x0/smart/filters:strip\\_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH\\_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal\\_photos/bs/2018/U/5/HObLcIQOOaXAZYRa31WQ/meio-ambiente-serra.jpg](https://s2.glbimg.com/z8TEuSk06_udACg_skJpoL8tmsM=/0x0:1085x705/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2018/U/5/HObLcIQOOaXAZYRa31WQ/meio-ambiente-serra.jpg). Acesso em 15 ago. 2022.

Conforme o Parque Memorial do Quilombo dos Palmares, designa a área como uma espécie de “maquete viva em tamanho natural”, que recria algumas edificações da antiga Federação, a fim de concentrar as análises arquitetônica, seleciona-se os edifícios Onjó Cruzambê (Casa do Campo Santo); Onjó de Farinha (Casa de Farinha); Restaurante Ruuru-Waana; Batucajé; e Muxima de Palmares, para realizar uma comparação com a arquitetura banta tradicional africana.

Com planta circular o Onjó Cruzambê (Casa do Campo Santo) (**Fig. 07**) se assemelha com a tipologia primária das cubatas bantas. A porta com é o único acesso disponível

demarkado por dois pilares que permitem a elevação da estrutura do telhado. Esta tem uma altura maior analisando a escala das antigas “bocas de forno”, desse modo não é necessário entrar de cócoras. Já a vedação da abertura é realizada através de caibros de madeiras fixados em um portão metálico que por meio de dobradiças no pilar permite que ocorra o sistema para a porta de abrir. O edifício tem suas paredes erguidas entre pilares e reproduz o sistema construtivo estrutural pau-a-pique. Externamente também é possível ver a cobertura vegetal no formato cônico, mas no caso da edificação analisada, esta possui um recorte acima da porta de acesso excluindo a forma pura do cone.

No interior da *cubata* (**Fig. 08**), entende-se a ausência de janelas, sendo utilizado o recurso entre o final da parede e o final a viga de apoio para a cobertura, um elemento vazado horizontal com vários caibros verticais entre os pilares que permite a ventilação cruzada no edifício. O piso é de chão de terra batida e um banco é construído com assento em caibros que recebem dois “pretos velhos” que simbolizam a religião de matriz africana. A simbologia ancestral religiosa também está no exterior com esculturas feitas de barro.



**Figura 07** - Onjó Cruzambê Fachada - Quilombo dos Palmares.

Fonte:

<https://vidasemparedes.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Vida-sem-Paredes-Quilombo-dos-Palmares-6.jpg>. Acesso 28 set. 2022

**Figura 08** - Onjó Cruzambê Interior - Quilombo dos Palmares.

Fonte: <https://www.hypeness.com.br/1/2017/11/palmares-2-e1510605625192.jpg>. Acesso 09 set. 2022.

O Onjó de Farinha possui as mesmas várias características dos signos da arquitetura banta presente no Onjó Cruzambê: ausência de janelas, chão batido de terra, cobertura vegetal, parede estrutural erguida com sistema de taipa. Porém o que difere é a planta baixa e as portas de acesso. A planta tem formato retangular, no qual possui um vazio resultando num pátio interno localizando a caldeira típica para a produção da farinha. A configuração retangular se assemelha com os povos macuas, maior grupo étnico de Moçambique (parte setentrional do país). Segundo Weimer (2014, p. 137):

Por influência dos grupos mais ao norte, da Tanzânia, eles vêm adotando, cada vez mais, construções de planta retangular, mas ainda conservam as tradicionais varandas de contorno de planta irregular da residência. Como a área ocupada é muito grande, as técnicas construtivas variam bastante, mas, de forma geral, pode-se dizer que a preferência é pelas paredes de pau a pique embarrado e pelas coberturas de palha de quatro águas.



**Figura 09** - Onjó de Farinha - Fachada

Fonte:

<https://dynamic-media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-o/11/51/21/2d/20171118-120639-largejpg.jpg?w=1100&h=-1&s=1>. Acesso 09 set. 2022

**Figura 10** - Tipologias das portas com elementos vazados.

Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/0e/02/cc/2b/cocina-para-harina.jpg>. Acesso 09 set. 2022

Possui três aberturas para acesso e não única diferente dos primórdios das cubatas, e para o travamento das estruturas de vedação das portas, realizou um X “xizamento” com dois caibros transversais, criando um desenho diferenciado. O mesmo pode se notar nas aberturas do Restaurante Ruuru-Waana (Banquete Familiar em bantu), onde as portas e os fechamentos vazados que estão acima das paredes, ora mais baixas e ora mais altas, possuem um desenho de marcenaria com um maior refinamento estético (**Fig.11**).

Já o Batucajé (**Fig.12**) que é um grande pátio disponível para apresentações culturais como rodas de samba, capoeira e maculelê, aparenta com as *cubatas de sombra* na arquitetura banta, edificação que protege somente do sol e não da chuva, pois não tem elementos de vedação verticais, e eram um ponto principal de encontro para manifestações culturais.



**Figura 11** - Restaurante Ruuru-Waana

Fonte:

[https://conteudo.imguol.com.br/c/bol/fotos/2d/2017/11/10/para-agradar-os-paladares-em-ocasioes-festivas-como-o-dia-20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra-o-restaurant-kuuku-waana-banquete-familiar-oferece-pratos-da-culinaria-afrobrasileira-com-1510359353138\\_956x500.jpg.webp](https://conteudo.imguol.com.br/c/bol/fotos/2d/2017/11/10/para-agradar-os-paladares-em-ocasioes-festivas-como-o-dia-20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra-o-restaurant-kuuku-waana-banquete-familiar-oferece-pratos-da-culinaria-afrobrasileira-com-1510359353138_956x500.jpg.webp). Acesso 28 set. 2022

**Figura 12** - Batucajé

Fonte:

[https://conteudo.imguol.com.br/c/bol/fotos/2d/2017/11/10/para-agradar-os-paladares-em-ocasioes-festivas-como-o-dia-20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra-o-restaurant-kuuku-waana-banquete-familiar-oferece-pratos-da-culinaria-afrobrasileira-com-1510359353138\\_956x500.jpg.webp](https://conteudo.imguol.com.br/c/bol/fotos/2d/2017/11/10/para-agradar-os-paladares-em-ocasioes-festivas-como-o-dia-20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra-o-restaurant-kuuku-waana-banquete-familiar-oferece-pratos-da-culinaria-afrobrasileira-com-1510359353138_956x500.jpg.webp). Acesso 28 set. 2022.

Por fim, a última edificação a ser analisada é a Muxima de Palmares, Palácio para Conselhos Deliberativos de Palmares. A representação atual não é fiel à escala do que realmente foi construída na Federação de Palmares. O Muxima era o lugar onde se reuniam todas as lideranças dos mocambos para decisões de luta e de colheita. O edifício tem sua organização espacial formada por dois blocos, um com formato oval e com o pé-direito bem mais alto, e o outro com formato circular e com o pé-direito bem mais baixo, as duas são unidas com uma cobertura de caibros e a entrada principal é demarcada também por uma pela mesma cobertura. A edificação com mais destaque possui uma iluminação zenital<sup>8</sup> no meio do edifício, permitindo a iluminação interna. Ambas características garantem aspecto monumental e fazem com que o Palácio se destaque no sítio implantando.

---

<sup>8</sup> é uma forma de aproveitamento da luz natural através de aberturas na cobertura de uma construção



**Figura 13** - Muxima de Palmares - Fachada

Fonte:

<https://projetoalagoas.com/wp-content/uploads/2020/05/Serra-da-Barriga-Philippe-Medeiros-91-scaled-e1590539309635-1024x663.jpg>. Acesso 28 set. 2022.

**Figura 14** - Muxima de Palmares - Fachada

Fonte: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/08/11/30/dc/parque-memorial-quilombo.jpg>. Acesso 28 set. 2022

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, país onde convivem diversas identidades culturais provenientes de várias etnias, torna-se relevante a análise sobre a cultura negra africana banta. Por meio de costumes, tradições, religiões, línguas, comunicação, oralidade, técnicas de trabalho, medicina, confecções de objetos e, recortando na arquitetura e urbanismo, neste artigo, especificamente nota-se que conhecimentos plurais não são estudados frente à modernização do pensamento europeu que estimula o apagamento das memórias dessas comunidades.

Através da retomada das tipologias urbanísticas-arquitetônicas bantas, transcende-se o território do nível geográfico para o simbólico. Já que as matrizes de poder resultaram na classificação “sem histórica” para a África e as extensões diaspóricas, nós possuímos o direito e dever a conhecer os territórios como extensão do espaço. Como Beatriz Nascimento narra em *Ôrí - O quilombo é memória que não acontece só para os negros, acontece para a nação* (1989), o mesmo pode-se aplicar nas organizações espaciais e formais da arquitetura e urbanismo africano.

Durante a diáspora africana, os bantos – grupo complexo e formado por diversos povos étnicos - compeliram os povos inimigos na África a se unissem na nova terra, com o objetivo de criar uma “nova unidade africana”. Longe das terras de origem e forçados a resistir contra o colonizador branco que queria destruir toda a manifestação cultural proveniente de seu corpo. O que ocorre ainda nos dias atuais através com a situação socioespacial do Brasil, como o genocídio da população negra e a manutenção e negação do racismo estrutural.

Assim sendo, a presente investigação avaliou como objeto arquitetônico e urbanístico o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, implantado em 2007, situado em um platô, na área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1985. Por falta de fonte de documentação antiga, ou documentação deturpada pelo colonizador como Clóvis Moura, diz: “(...) é compreensível se levarmos em consideração que toda a documentação que se conhece sobre Palmares é aquela fornecida pelo dominador, pelo colonizador, isto é, não temos outro código de informação a não ser aquele que os destruidores nos ofereceram” optou-se por analisar a sede atual, fazendo o comparativo com as fontes de estudo do autor Günter Weimer que mesmo sendo um homem branco, foi o papel do pesquisador de modo crítico utilizar as informações adquiridas.

Assim, constatou-se que na reprodução da maquete física, os signos arquitetônicos foram mantidos na nova concepção do espaço: implantação, coberturas, elementos estruturais,

vedações, acabamentos, pisos e tipologias de assentamento. Porém, face o estudo da arquitetura ser amplamente complexo, por seus vários grupos étnicos permitiu com que a reprodução diluísse ao longo das características regionais de cada população como por exemplo, alguns povos que construíram em planta no formato retangular e outras não. Nota-se também que outros edifícios designados como importantes para os quilombos não foram reproduzidos como a casa de “ferreiros”, no qual os integrantes fabricavam suas próprias armas de guerra, este exemplo está presente nas pesquisas da professora Márcia Amantino, que estuda os quilombos do sudeste brasileiro (WEIMER, 2014). Desse modo, o tema ainda não se esgota, permitindo novas investigações envolvendo as esferas políticas-sociais-espaciais que circundam o trabalho de um arquiteto e urbanista antirracista.

## REFERÊNCIAS

CATANI, Afrânio. Os povos bantos no Brasil. **A terra é redonda**. 20 jan. 2020. Disponível em

<https://aterraeredonda.com.br/os-povos-bantos-no-brasil/#:~:text=Na%20realidade%2C%20a%20designa%C3%A7%C3%A3o%20%E2%80%9Cbanto,de%20onde%20vieram%20africanos%20escravizados%E2%80%9D>. Acesso 28 jun. 2022.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **Quilombolas no Brasil**. sd. Disponível em <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>. Acesso 28 jun. 2022.

DOS REIS, Rodrigo Ferreira. **Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento**. Sankofa (São Paulo), v. 12, n. 23, p. 9-24, 2019.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 4 ed. São Paulo: AUTÊNTICA, 2021.

LOPES, Nei. **Dicionário banto no Brasil**. São Paulo: Pallas, 1995.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **ÔRÍ**. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.